

**Fotojornalismo em Campina Grande – PB:
Um Mapeamento dos Profissionais que Atuaram na Cidade
Entre os Anos de 1960 a 2012, Através de Relatos e Imagens Produzidas¹**

Paulo Matias de FIGUEIREDO JÚNIOR²
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo é uma síntese dos resultados apresentados na tese “Fotojornalismo em Campina Grande – PB: mapeamento de relatos e imagens de 1960 a 2012”. A pesquisa contou com a participação de 18 repórteres fotográficos que atuaram nos principais periódicos que circularam na referida cidade entre os anos de 1960 a 2012, além de seis editores, um jornalista e um historiador, totalizando 26 entrevistas que resultaram em aproximadamente 45 horas de áudio e vídeo somados a composição de um acervo com mais de 60.000 imagens. Desenvolvemos esta pesquisa numa perspectiva histórica descritiva, a partir de um estudo técnico-iconográfico, acostados na teoria e metodologia propostas por Kossoy (2001). Trata-se de um trabalho essencialmente qualitativo e, quanto ao seu objetivo, exploratório.

Palavras-chave: Fotojornalismo. Fotojornalistas. Jornais impressos. Campina Grande – PB.

Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa em nível doutoral desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), sob a orientação da Profa. Dra. Jane de Almeida. O objetivo do trabalho foi mapear os profissionais que atuaram no fotojornalismo campinense entre os anos de 1960 a 2012, a partir dos relatos e das imagens produzidas dentro deste recorte histórico.

Para tanto, lançamos mão da metodologia proposta por Kossoy (2001) que tem em conta na investigação com imagens os *elementos constitutivos* que compõem as mesmas (assunto, fotógrafo e tecnologia), bem como as *coordenadas de situação* (espaço e tempo)

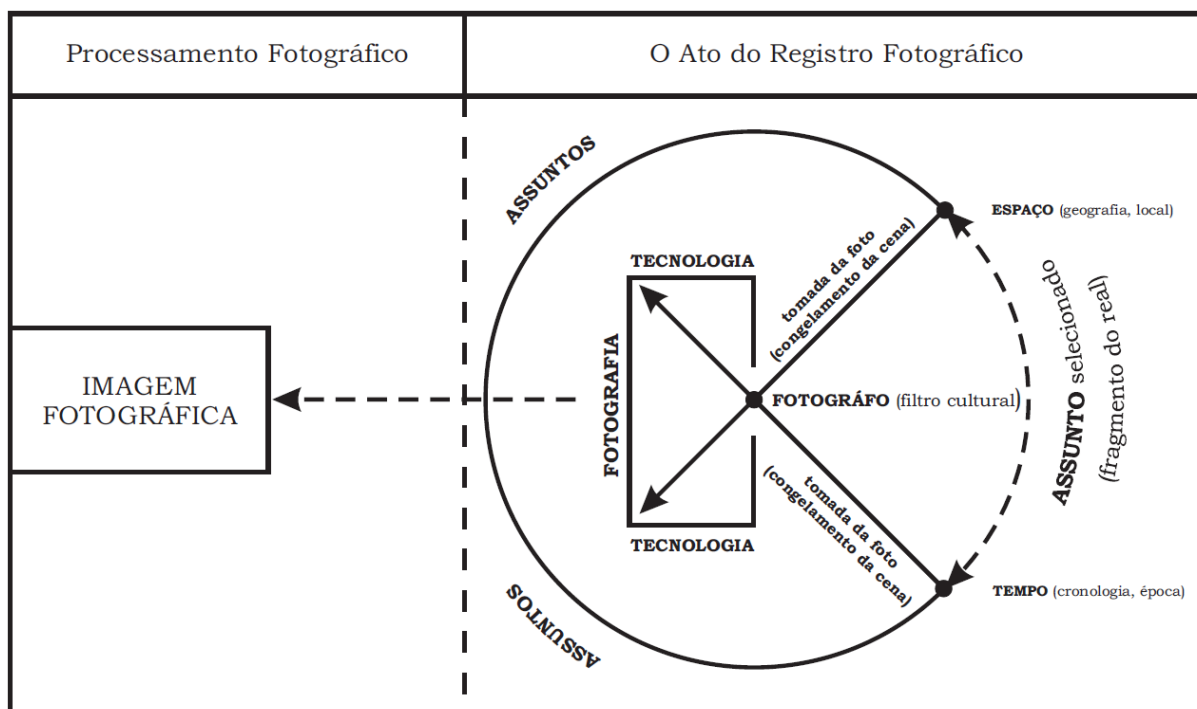
¹ Trabalho apresentado no DT 01 – Jornalismo do XXXIX Congresso nacional de Ciências da Comunicação realizado de 5 a 9 de setembro de 2016.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP. Participante do Grupo de Pesquisa LABCINE (MACKENZIE, SP). Bolsista CAPES pelo Programa PRODOUTORAL. Professor Adjunto do Curso de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – PB. E-mail: paulomfjr@hotmail.com

(Gráfico 01), que articulados poderão resultar em estudos iconográficos (descritivos) e iconológicos (interpretativos) a partir dos documentos fotográficos produzidos.

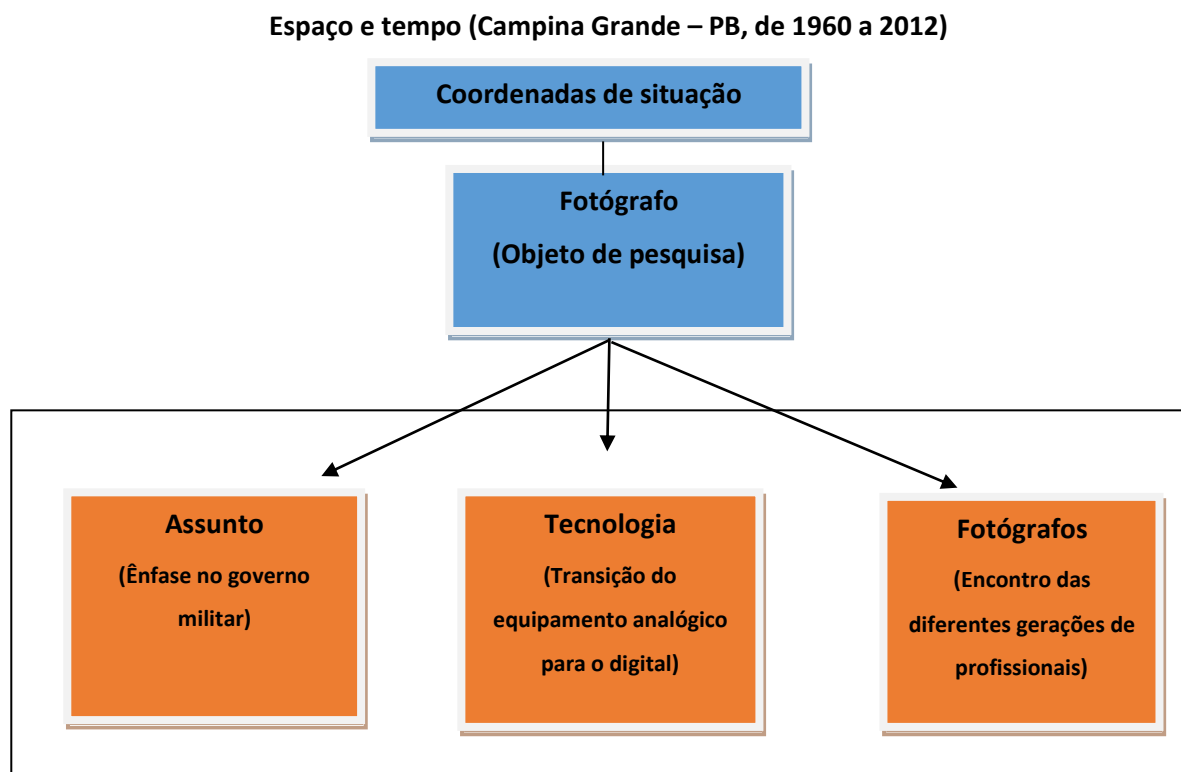
Como a nossa opção foi trabalhar com ênfase nos fotógrafos, no caso, um dos elementos constitutivos, remontamos o esquema proposto por Kossoy de maneira que o nosso objeto de estudo ficasse em evidência sem, no entanto, desconsiderar os outros componentes (Gráfico 02).

Gráfico 01 – Elementos constitutivos e coordenadas de situação que, articulados, resultam na imagem fotográfica.



Fonte: KOSSOY, 2001, p. 41.

Gráfico 02 – Elementos constitutivos e coordenadas de situação adaptados à nossa pesquisa, com ênfase no elemento fotógrafo.



Fonte: Gráfico estruturado a partir do modelo apresentado em Kossoy (2001).

De forma aplicada, dividimos os repórteres fotográficos em três gerações com destaque para a relação entre estes e cada elemento constitutivo que compõe uma imagem, traçando uma linha histórica que realçou tempos distintos, mas que manteve o mesmo lugar do ponto de vista geográfico: a cidade serrana de Campina Grande (PB), localizada a 120 Km da capital João Pessoa e 555 metros acima do nível do mar.

A primeira geração compreende os profissionais que atuaram na referida cidade de 1960 a 1985. Neste recorte a conexão mais forte se deu entre os elementos *fotógrafo* e *assunto*, especificamente, o trabalho dos fotojornalistas no contexto do governo militar. Fazem parte deste grupo os seguintes repórteres fotográficos, por ordem cronológica de contratação³: José Valdi de Lira, Aluísio Alves do Nascimento, Marcelo Marcos da Silva,

³ É importante ressaltar que estabelecemos como critério para a nossa pesquisa levar em conta somente os fotojornalistas que atuaram nos periódicos de maior circulação em Campina Grande com vínculo empregatício. Os freelancers e folguistas não foram citados neste trabalho.

Eudes Villar, Nicolau de Castro Sousa, Nilton Wanderley Gomes Ribeiro, Francisco Martins de Oliveira, Carlos Alberto Santos e Cláudio de Goes Nogueira Filho.

A segunda geração englobou os repórteres fotográficos que começaram a trabalhar na área entre os anos de 1986 a 2005. Neste período enfatizamos a relação entre o *fotógrafo* e a *tecnologia*, chamando atenção para o processo de transição dos equipamentos analógicos para os digitais nas redações campinenses. Iniciaram as atividades neste recorte os seguintes profissionais: Francisco de Assis Medeiros, Leonardo dos Santos Silva, Francisco Antônio de Moraes, Augusto César Cunha Pessoa e Antônio Ronaldo Pereira da Silva.

A relação entre os fotógrafos predominantemente formados dentro das redações e os egressos do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) foi a tônica daquela que denominamos como terceira geração. Nesta parte do trabalho realçamos a *relação entre os fotógrafos* das duas primeiras gerações com os repórteres fotográficos novatos, que começaram a atuar entre os anos de 2006 a 2012, todos com formação superior. Também foi neste período que um dos jornais contratou a primeira mulher a atuar no mercado local de impressos. Neste grupo temos os seguintes profissionais: Junot Lacet de Barros Filho, Katharine Nóbrega da Silva, Nelsina Maria Vitorino de Araújo e Maria Juliana Bezerra dos Santos.

Dentre estes 18 profissionais pesquisados alguns exerceram as suas atividades durante as três gerações que citamos, a exemplo de Nicolau de Castro e Francisco Martins. Os periódicos de maior circulação em Campina Grande que abrigaram os fotojornalistas participantes do nosso corpus durante o recorte temporal que selecionamos são, por ordem crescente de fundação: o jornal estatal A União; Diário da Borborema (DB), pertencente a cadeia dos Diários Associados; Correio da Paraíba (CP); Jornal da Paraíba (JP); e a Gazeta do Sertão (GS).

Dentre muitos aspectos que nos chamaram atenção durante o trabalho destacamos dois: o primeiro tem relação com o estado dos arquivos pesquisados; e o segundo com a importância do nosso mapeamento neste tempo da história, em que 17 dos 18 fotógrafos citados estão vivos e puderam colaborar de maneira decisiva na identificação das imagens e com relatos detalhados dos acontecimentos registrados por eles, tendo em conta o contexto histórico em que a cidade viveu cada fato noticiado.

Dos cinco jornais que circularam na cidade três tinham as matrizes das suas redações em Campina Grande: o Diário da Borborema, que existiu entre os anos de 1957 a 2012; o Jornal da Paraíba, que foi fundado em 1971 e existe até o momento circulando apenas na versão *online*; e a Gazeta do Sertão, que viveu a sua terceira fase⁴ entre os anos de 1981 a 1988. O estatal a União, que circula na Paraíba desde 1893, e o Correio da Paraíba, que iniciou as suas atividades em 5 de agosto de 1953, possuem apenas sucursais na cidade serrana.

Os acervos dos jornais que já encerraram as suas atividades estão assim distribuídos: Diário da Borborema – cedido pelos Diários Associados em regime de comodato à Universidade Estadual da Paraíba por 30 anos, a contar de 2015; Gazeta do Sertão – os exemplares e as imagens estão em posse da Fundação Edvaldo do Ó. Dos periódicos que permanecem circulando na cidade temos o seguinte panorama: A União e o Correio da Paraíba possuem acervos físicos e digitais, sendo que os exemplares impressos ficam arquivados pelas empresas nas suas matrizes, em João Pessoa, e o acervo digital é restrito a algumas datas que pouco ajudaram na nossa pesquisa. O Jornal da Paraíba é o único que, mesmo hoje tendo a sua matriz na capital⁵, possui um acervo 95% digitalizado e disponível para pesquisa.

De uma forma geral, à parte o acesso aos acervos digitais, existe uma burocracia que dificulta o caminho até os exemplares impressos que, diga-se de passagem, estão na sua maioria em condições lastimáveis. Para este trabalho nos valem de maneira mais recorrente de acervos particulares, de pesquisadores e dos fotojornalistas envolvidos na pesquisa, e da ampla coleção da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Campina Grande (SECULT/PMCG). Ainda assim, podemos classificar como muito preocupante o estado geral dos acervos e imagens que compuseram o nosso trabalho de pesquisa.

O fotógrafo Eudes Villar é o único dentre todos os que trabalhamos que não está vivo. O desafio imposto para traçar a trajetória desse profissional foi sintomático no sentido de

⁴ Este impresso foi fundado originalmente em 1 de setembro de 1888, permanecendo em circulação até 1891. Em sua segunda fase, no ano de 1923, durou apenas cinco meses. O terceiro tempo, que foi capitaneado pelo economista Edvaldo de Souza do Ó, foi o mais duradouro do jornal.

⁵ Desde a sua fundação em 1971 o JP manteve a sua principal redação na cidade de Campina Grande. Em 2001, a partir de um projeto de expansão que ampliou a distribuição do jornal para toda a Paraíba, o impresso transferiu a sua matriz e todas as editorias para a capital João Pessoa. O acervo digitalizado dos periódicos desta empresa podem ser acessados através do endereço: <http://acervo.jornaldaparaiba.com.br/>

reforçar a urgência de uma investigação como a que empreendemos. Além dos seus colegas de profissão, entrevistamos um filho do fotógrafo do primeiro casamento, Eudésio Vilar, e a viúva do segundo casamento, Luzia Villar. Mesmo com o suporte destes depoimentos precisamos desenvolver uma pesquisa muito minuciosa no acervo do impresso em que Eudes trabalhou por mais de 15 anos, o Jornal da Paraíba, para estabelecer conexões que nos permitissem escrever sobre este fotojornalista e apresentar algumas imagens produzidas por ele.

Em consonância com o que escrevemos acima, Kossoy, pensando sobre a fotografia e seus elementos constitutivos, faz a seguinte reflexão:

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível.

A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado da realidade. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem. **O mesmo ocorre com os autores-fotógrafos e seus equipamentos.** De todo o processo, somente a fotografia sobrevive, algumas vezes em seu artefato original, outras vezes apenas o registro visual reproduzido. [...].

Desaparecida esta segunda realidade – seja por ato voluntário ou involuntário -, aquelas personagens morrem pela segunda vez. O visível fotográfico ali registrado desmaterializa-se. Extingue-se o documento e a memória. (2001, p. 155-156, grifo nosso).

Ainda no início do trabalho tratamos de apresentar o estado da arte relativo ao tema, destacando que, em nível de Campina Grande, se trata de um trabalho inédito. Quando buscamos referências traduzidas para o português e em outras línguas, nos deparamos com textos que tratam o tema de uma forma mais geral e, proporcionalmente, também se apresentam em menor número.

Como o nosso recorte foi muito extenso, uma vez que teve relação direta com o tempo de existência do Diário da Borborema, jornal por onde passaram 12 dos 18 fotojornalistas pesquisados, o nosso cabedal foi composto por autores que vão de Ivan Lima, através da sua obra “Fotojornalismo brasileiro” (1989), até o título organizado por Helouise Costa e Sergio

Burgi “As origens do fotojornalismo no Brasil” (2012). Sem deixar de fora autores europeus como Pepe Baeza (“Por una función crítica de la fotografía de prensa” – 2007) e Pedro Jorge Souza, através do livro “Uma história crítica do fotojornalismo ocidental” (2004).

Também julgamos importante citar pesquisadores que trabalham o tema numa perspectiva contemporânea como Chalotte Cotton (“A fotografia como arte contemporânea” – 2013) e Joan Fontcuberta, especialmente na obra “O beijo de judas: fotografia e verdade” (2010), ainda que já tivéssemos definido para a pesquisa um viés mais histórico, que aborda um dos elementos que dá suporte ao trabalho, no caso, a fotografia, a partir da perspectiva documental. Para tanto, mais uma vez lançamos mão de uma passagem escrita por Kossoy:

Com a “revolução documental” das últimas décadas e, com o alargamento do conceito que o termo “documento” passou a ter, a fotografia começou a ser tratada de forma diferenciada. “Não há história sem documentos” assinalou Samaran. “Há que tomar a palavra ‘documento’ no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira”. (2001, p. 31).

Ainda na esteira de definir os termos utilizados no trabalho, tratamos de apresentar dois conceitos utilizados por Sousa no intuito de delimitar o conceito de *fotojornalismo* que utilizamos no trabalho:

- a) Fotojornalismo (lato sensu) – No sentido lato, entendo por fotojornalismo a atividade de realização de fotografias informativas, interpretativas, documentais ou “ilustrativas” para a imprensa ou outros projetos editoriais ligados à produção de informação de atualidade. Neste sentido, a atividade caracteriza-se mais pela finalidade, pela intenção, e não tanto pelo produto [...]. Assim, num sentido lato, podemos usar a designação fotojornalismo para denominar também o fotodocumentarismo e algumas foto-ilustrativas que se publicam na imprensa.
- b) Fotojornalismo (stricto sensu) – No sentido restrito, entendo por fotojornalismo a atividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar esclarecer ou marcar pontos de vista (“opinar”) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. (2004, p. 12).

É importante destacar que o autor citado faz duas observações importantes depois das afirmações transcritas acima. A primeira é que, *stricto sensu*, fotojornalismo e fotodocumentarismo são diferentes nas suas práticas, isso porque no primeiro as imagens

produzidas estão ligadas a um “instante”, ao passo que, no fotodocumentarismo o fotógrafo “tem já um conhecimento prévio do assunto e das condições em que pode desenvolver o plano de abordagem do tema que anteriormente traçou” (2004, p.12). Num segundo momento, já finalizando o texto da *Introdução* do seu trabalho, Sousa afirma que mesmo que se tente distinguir o termo a partir das ações realizadas pelos profissionais da área “o fotojornalismo continua a ser uma atividade larga e ambígua”. (2004, p. 13)

Quando comparamos as distinções feitas por Sousa sobre os possíveis conceitos para o entendimento do que seja fotojornalismo com o que encontramos na nossa pesquisa de campo, somos desafiados a compreender que o uso do termo se aplica tanto *stricto* quanto *lato* senso no contexto do nosso trabalho. Ora, se uma possível distinção entre a fotografia de jornalismo e a documental reside no fato de que a primeira trabalha com o instante e a segunda com o planejamento, o que podemos depreender do trabalho de um repórter fotográfico dentro de uma determinada rotina? Que, com algumas exceções, o previsível pode ser planejado. Sendo assim, o termo fotojornalismo foi tomado na sua função *stricto* e/ou *lato* a depender do contexto em que estava sendo apresentado, e, por vezes, como sinônimo de fotodocumentarismo.

No nosso trabalho, que se constituiu num levantamento que tratou especificamente de uma história do fotojornalismo em Campina Grande a partir dos relatos e das imagens produzidas por profissionais da imprensa campinense, com ênfase neste último elemento, abordamos as fotografias muito mais no nível descritivo (iconográfico) que interpretativo (iconológico). Sobre o estudo técnico-iconográfico, Kossoy destaca:

Situa-se este estudo no nível técnico e descritivo, o qual fornecerá elementos seguros e objetivos para a ulterior interpretação. Aqui foi englobado, de uma certa forma, aquilo que a metodologia clássica da história denominou “crítica externa”, exame que não tenho conhecimento de ter sido desenvolvido conceitualmente em relação às fontes fotográficas, aprisionados que eram os historiadores apenas em relação aos documentos escritos. (2001, p. 73).

E mais à frente complementa:

A análise iconográfica tem o intuito de detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos; o aspecto literal e descritivo prevalece, o assunto registrado é perfeitamente

situado no espaço e no tempo, além de corretamente identificado. (Kossoy, 2001, p. 95).

Dadas as descrições teóricas e metodológicas do trabalho, identificamos a nossa pesquisa como essencialmente **qualitativa** uma vez que: “[...] o foco da pesquisa qualitativa é compreender e aprofundar os fenômenos que são explorados a partir da perspectiva dos participantes em um ambiente natural e em relação ao contexto”. E ainda:

O enfoque qualitativo é selecionado quando buscamos compreender a perspectiva dos participantes (indivíduos ou grupos pequenos de pessoas que serão pesquisados) sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados, isto é, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade. Também é recomendável selecionar o enfoque qualitativo quando o tema do estudo foi pouco explorado, ou que não tenha sido realizada pesquisa sobre ele em algum grupo social específico. (SAMPIERI, COLLADO e LUCIO, 2013, p. 376).

De acordo com os mesmos autores, os trabalhos de pesquisa podem ser classificados **quanto ao seu objetivo**. No caso da investigação em tela, notoriamente um trabalho *exploratório*.

Os estudos exploratórios são realizados quando o objetivo é examinar um tema ou um problema de pesquisa pouco estudado, sobre o qual temos muitas dúvidas ou que não foi abordado antes. Ou seja, quando a revisão da literatura revelou que existem apenas orientações não pesquisadas e ideias vagamente relacionadas com o problema de estudo ou, ainda, se queremos pesquisar sobre temas e áreas a partir de novas perspectivas. (SAMPIERI, COLLADO e LUCIO, 2013, p. 101).

A **natureza do nosso objeto** (MEDEIROS, 2012) chamou uma *pesquisa de campo* com estratégias já citadas, tais como as entrevistas e buscas em acervos. Destacamos que a nossa escolha por Kossoy como principal referencial teórico neste trabalho deu-se, principalmente, pelo avanço que os seus estudos alcançaram frente aos outros pesquisadores que militam no campo da fotografia enquanto documento histórico e, sobretudo, porque a sua discussão teórica transcende para uma metodologia de pesquisa que em muito favoreceu a nossa investigação.

Breve descrição dos capítulos

Dividimos a nossa tese em seis capítulos: a Introdução e o capítulo 1 (Aspectos teórico-metodológicos), foram sintetizados na primeira parte deste artigo, os demais seguiram uma ordem de apresentação que passaremos a descrever abaixo. Antes, porém, é importante destacar, dada a necessidade de síntese que este trabalho impõe, que os capítulos 3, 4 e 5 foram iniciados com pequenas contextualizações históricas, com o objetivo de situar o leitor no momento específico em que cada geração atuou.

No capítulo 2, intitulado “Campina Grande: breve histórico da cidade e sua imprensa”, tratamos de situar o leitor dentro das coordenadas de ordem geográfica e histórica relacionadas à cidade de Campina Grande, bem como de descrever um panorama da imprensa no município desde a sua origem, no final do século XIX, até a data limite da nossa pesquisa. Ainda neste último quesito, enfatizamos os periódicos de maior circulação dentro do nosso recorte (1960 – 2012), conforme já destacamos algumas linhas atrás.

Em “As câmeras e os coturnos: fotojornalistas que atuaram no período da ditadura militar em Campina Grande”, capítulo 3, esboçamos um panorama do fotojornalismo campinense praticado nos impressos durante o período do governo militar. O grupo de profissionais que compõe esta primeira geração é formado na sua totalidade por fotógrafos que tiveram a sua iniciação na área a partir dos estúdios fotográficos. Esse fato se deu, principalmente, porque era uma demanda das redações o conhecimento por parte dos contratados das técnicas de laboratório (revelação, ampliação etc.).

Como nenhum dos repórteres fotográficos deste primeiro grupo possuía conhecimentos específicos no campo do fotojornalismo, foram vivenciando o ofício e aprendendo em campo a lidar com a diversidade de pautas que eram produzidas para os diversos Cadernos que compunham os jornais. A medida que os novos fotógrafos chegavam ao mercado esse conhecimento adquirido era compartilhado e assim sucessivamente. O primeiro fotojornalista a atuar na cidade de Campina Grande foi José Valdi de Lira, contratado pelo Diário da Borborema em 1967.

Fazendo uma descrição geral dos equipamentos utilizados por fotojornalistas nos anos 80, Lima escreve:

Hoje, o fotógrafo de imprensa não carrega uma bolsa com menos de cinco quilos, mesmo porque ele pode, em três saídas seguidas, no mesmo dia, necessitar de lentes inteiramente diferentes. Mesmo quando sai à rua não tem precisão sobre o que vai fazer e por isso tem uma gama muito grande de objetivas. (1989, p. 50).

Contrastando com o panorama descrito pelo autor citado, os profissionais desta geração lidaram basicamente com dois tipos de equipamentos: a câmera Yashica Mat, de médio formato, acompanhada de um flash eletrônico da marca Frata; e a Pentax K-1000, que utilizava película de 35 mm, com uma objetiva 50 mm e um flash portátil da marca TRON. O número de películas era extremamente reduzido: para o primeiro modelo de câmera, dois rolos por expediente (equivalente a 24 poses no total); para o segundo modelo, apenas uma bobina com 36 poses para uso em período equivalente. Em média, os fotógrafos cumpriam de 4 a 6 pautas por expediente. Essa situação só começou a mudar no período de passagem do equipamento analógico para o digital.

“Entre o grão e o pixel: fotojornalistas que começaram a atuar no período de transição entre o equipamento analógico e o digital nas redações dos impressos campinenses” é o título do capítulo 4. Nesta seção abordamos a segunda geração de profissionais que fizeram parte dos quadros das empresas de comunicação em Campina Grande, com ênfase no contexto de mudança do equipamento analógico para o digital. Além de parte dos profissionais da primeira geração, compõem este grupo novos repórteres fotográficos, dentre os quais, alguns egressos do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Os fotógrafos que atuaram neste período vivenciaram todas as fases técnicas e tecnológicas experimentadas até então pelas redações campinenses. Entre 1986 e meados dos anos 90 todos os jornais diários que circulavam em Campina Grande mantiveram os seus laboratórios preto e branco da mesma maneira que iniciaram as suas atividades. Somente por volta de 1996 as empresas começaram a fazer uso dos minilabs existentes na cidade e, dentre os vários disponíveis, o Art Foto Paulista, localizado na rua Marquês do Herval, nº 80, Centro, foi o que mais prestou serviços aos jornais, passando a ser ponto de convergência e intercâmbio entre os fotojornalistas desta segunda geração.

Foi destes encontros que surgiu, alguns anos depois, entre 1999 e 2000, a primeira - e única - agência de fotógrafos de Campina Grande, a *Companhia da Imagem*, composta pelos

repórteres fotográficos Leonardo Silva (Jornal da Paraíba), Francisco Morais (Diário da Borborema) e Antonio Ronaldo (Correio da Paraíba). Como estes profissionais não conseguiram conciliar as demandas das redações e dos serviços particulares que prestavam com as reportagens da agência, optaram por não dar prosseguimento ao trabalho em equipe à parte dos jornais. Infelizmente, o que poderia ser o início de um fotojornalismo independente no cenário campinense não teve fôlego suficiente para prosseguir. De acordo com Vera Simonetti Racy, citada em Buitoni:

Agências e fotógrafos independentes, comprometidos com um fotojornalismo ancorado na ideia de ação transformadora das relações sociais, têm praticado um dos gêneros fotográficos mais importantes para a história da fotografia: a fotografia documental ou fotodocumentário. Neste tipo de trabalho o fotógrafo tem a oportunidade de abordar questões no lugar de fatos. (2011, p. 133).

Retomando o percurso técnico e tecnológico desta geração, o trajeto entre o uso dos minilabs e a transição para a fotografia digital se deu num espaço muito curto de tempo. Se, como afirmamos acima, por volta de 1996 os impressos lançaram mão dos laboratórios terceirizados para revelação e ampliação de imagens, já em 1998 começaram a experimentar a digitalização dos negativos a partir de scanners próprios. Esse método, contudo, ainda deixava as empresas atadas aos minilabs e, por consequência, aos seus horários comerciais. No início dos anos 2000 é que os jornais que circulavam em Campina Grande mergulharam de fato no mercado digital, ainda que com câmeras compactas avançadas. A primeira imagem digital publicada em um periódico campinense foi de autoria do fotógrafo Leonardo Silva, na capa da edição do dia 4 de março de 2000 do Jornal da Paraíba, sob o título “‘Paz e Redenção’ imperam na abertura da ‘Nova Consciência’⁶”.

O terceiro grupo de fotógrafos contratados na cidade foi abordado no capítulo 5, “Sobre o campo e a sala de aula: o encontro entre os fotojornalistas veteranos e a terceira geração de profissionais que atuaram nas redações campinenses”. Como o título enuncia, a ênfase deste capítulo recaiu sobre a relação entre os fotojornalistas já atuantes no mercado e uma nova geração de profissionais formada predominantemente por egressos do curso de jornalismo da UEPB.

⁶ Trata-se de um evento ecumênico que acontece anualmente em Campina Grande no período do carnaval.

A conjuntura acadêmica vivenciada por estes profissionais jornalistas não favoreceu, segundo eles próprios, a atuação nos periódicos. Os poucos equipamentos a que tiveram acesso enquanto universitários somados a uma prática fundamentada em pouca reflexão teórica e longe de uma simulação do que seria o dia a dia em uma redação, fez com estes novos fotógrafos se sentissem inseguros e despreparados para as suas atividades de campo. Por outro lado, perceberam na sua formação acadêmica o benefício de compreenderem muito rapidamente a organicidade das empresas e a facilidade de comunicação com os demais setores de uma redação, percepção essa confirmada pelos editores que acompanharam estes profissionais nas entrevistas que concederam para a nossa pesquisa.

Dada esta conjuntura, foi predominante nesta terceira geração o método de transferência de conhecimento semelhante ao que evidenciamos na primeira geração de fotojornalistas. Mesmo com a necessidade desse apoio por parte dos fotógrafos mais experientes, foi esta geração de repórteres que conseguiu emplacar, ampliando uma trilha que começou a ser aberta pela geração anterior, um modelo de fotojornalismo muito próximo das provocações contemporâneas, que apontam para imagens que rompem com os modelos compartimentalizados por segmentos e, em alguns casos, sugerem um estilo de fotografia antirreportagem, fora do tempo da ação, mas que faz refletir sobre o acontecido.

Destacamos neste segmento duas fotógrafas: Katherine Nóbrega e Nelsina Vitorino. Estas, juntamente com Juliana Santos, formaram a primeira equipe de mulheres a atuarem no fotojornalismo campinense como profissionais contratadas pelo Diário da Borborema, sendo a pioneira Katharine Nóbrega. Em dezembro de 2011 a fotógrafa Juliana Santos foi vencedora do prêmio AETC⁷ na categoria fotojornalismo, com a imagem intitulada “Calçamento de areia”. Esse seria o último prêmio do periódico que encerrou as suas atividades em fevereiro de 2012, fechando um ciclo de quase 55 anos de atuação em Campina Grande e ficando para a história como um dos impressos que mais empregou e formou fotojornalistas na cidade.

O capítulo 6, “Sistematizando os dados, e refletindo os cenários”, retoma e acrescenta alguns dados espelhados pela pesquisa para, em seguida, pontuar alguns aspectos interpretativos sobre os profissionais pesquisados. Panoramicamente, o que de mais

⁷ O prêmio de jornalismo concedido pela Associação das Empresas de Transportes Coletivos Urbanos de João Pessoa (AETC-JP) é considerado o Oscar da imprensa paraibana.

significativo podemos destacar nesta fase de avaliação reflete o nosso objeto de pesquisa e pode ser compreendido a partir do seguinte trecho escrito por Kossoy:

Desde os primeiros anos da década de 1970, em nossas aulas na Faculdade de Comunicação Social Anhembi, em São Paulo, e através, dos primeiros artigos, procurávamos chamar atenção para o “entrelaçamento ideal do conjunto fotógrafo-câmara-assunto”. Buscávamos enfatizar que diante de idênticas condições (mesmo assunto e tecnologia) **havia os fotógrafos que produziam imagens que em qualquer época seriam consideradas importantes e definitivas, e outros que produziram apenas imagens.** (2001, p. 43, grifo nosso).

De forma mais direta, este trabalho de pesquisa resultou em uma história do fotojornalismo em Campina Grande na qual alguns fotógrafos tiveram, por suas trajetórias e produções, uma participação mais efetiva que outros.

Considerações finais

Avaliamos que num cenário onde os acervos estão cada vez mais dispersos, as empresas de comunicação passando por um processo onde algumas redações estão encerrando as suas atividades e alguns fotógrafos começam, por circunstâncias diversas, a se distanciar do fotojornalismo, garimpar um acervo com mais de 60.000 imagens e capturar aproximadamente 45 horas de áudio e vídeo com os depoimentos dos fotógrafos, editores e outros participantes da pesquisa foi um feito relevante para o escopo do nosso trabalho. Aliás, para além do cumprimento do nosso objetivo, temos a certeza de ter contribuído não só para a história do fotojornalismo em Campina Grande, mas, como antevê Kossoy, nosso principal norte teórico e metodológico, colaboramos significativamente com a história da cidade, independentemente do nível de contribuição que cada profissional aqui apresentado devotou ao trabalho.

O tempo para a execução desta pesquisa foi um grande desafio para nós. No total, entre a Banca de Qualificação (abr. 2015) e a data limite para o depósito da tese estabelecido pela Instituição a qual estamos vinculados (jun. 2016), contamos com um ano e dois meses de prazo para o cumprimento de todas as etapas desta pesquisa, incluindo: levantamento de fotógrafos e acervos; entrevistas; transcrições; cópia e digitalização das fotografias que

estavam ampliadas em papel, com a contrapartida, por iniciativa nossa, de devolver as coleções aos seus donos acompanhadas dos arquivos digitalizados; organizar e selecionar todos os dados obtidos; e escrever a tese.

Reconhecemos que pela natureza exploratória da pesquisa, condensada neste artigo, o trabalho tendeu mais para a descrição dos dados que para a interpretação destes, ainda que, na nossa compreensão, o ato de selecionar aquilo que julgamos mais importante para aparecer no texto tenha, na sua raiz, um quê de interpretação. Os desafios que se apresentam para o futuro próximo incluem: a sistematização dos milhares de arquivos que conseguimos coletar com o objetivo de compartilhar com pesquisadores dos diversos campos do conhecimento que precisem de um banco de dados como o que temos; produzir um documentário a partir das imagens obtidas durante as entrevistas; e, por fim, publicar este trabalho de pesquisa na expectativa de que mais pessoas tenham acesso a esse conteúdo e, sobretudo, novos pesquisadores se sintam motivados a dar continuidade a esta lida.

Referências bibliográficas

BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e jornalismo**: a informação pela imagem. São Paulo: Saraiva, 2011.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LIMA, Ivan. **Fotojornalismo brasileiro**: realidade e linguagem. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Feández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. Trad. Daisy Vaz de Moraes. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó, SC; Florianópolis: Argos; Letras Contemporâneas, 2004.